

---

## Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 12/12/10

**José de Moura Campos Neto**

# Amor e dedicação à Medicina

O médico e ex-secretário de Saúde de Mogi das Cruzes tem verdadeira paixão pela profissão que escolheu e conta os desafios que enfrentou ao longo de sua carreira e quais são os principais obstáculos na área

Jamile Santana  
Da reportagem local

Maurício Sumiya



O amor pela área médica já podia ser visto nos olhos de José de Moura Campos Neto quando ele ainda era criança, na cidade de Tietê, interior de São Paulo. E foi essa paixão que o trouxe até Mogi, em 1972, para estudar Medicina na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Ele adotou a cidade e, como forma de reconhecimento a esta dedicação à profissão generosa que escolheu, Campos Neto foi convidado para ser secretário municipal de Saúde em duas administrações: a do prefeito Manoel Bezerra de Melo, o padre Melo, entre 1994 e 1995, e durante a primeira gestão do prefeito Junji Abe, de 2001 a 2004.

Foi pelas suas mãos que alguns atendimentos de saúde tomaram forma na cidade, como a implantação do atendimento 24 horas nos postos de saúde, o Programa Saúde da Família (PSF), o Ligue Médico, entre outros.

Casado com a biomédica Cecília Reis de Moura Campos, ele tem duas filhas: Laura e Marina. Com a esposa e a filha Marina, ele divide as atividades no laboratório Sancet, que fundou em 1980.

Hoje, Campos Neto também se aventura nos acordes do violino e volta a ser criança quando brinca com seu primeiro neto, Matheus.

### **Mogi News: Por que escolheu Medicina?**

**José de Moura Campos Neto:** Eu tenho alguns tios e outras pessoas da minha família que são médicos, então, tive uma influência. Mas desde pequeno eu já queria seguir esta área.

**MN: Depois de se formar, por que continuou em Mogi?**

**Campos Neto:** As circunstâncias me levaram a ficar aqui. Quando terminei a faculdade, comecei a trabalhar aqui, passei pela Santa Casa e pelo laboratório do Pedro Bonelli, onde aprendi muito, e decidi me especializar na área de Patologia Clínica. E Mogi sempre me acolheu.

**MN: Essa experiência foi fundamental para o senhor fundar o laboratório Sancet?**

**Campos Neto:** Com toda certeza. Aprendi muito enquanto trabalhei no laboratório. Em 1980, fiz a clínica em sociedade com alguns amigos. Hoje, minha filha e minha esposa, que são biomédicas, também trabalham comigo.

**MN: Como foi ser secretário municipal de Saúde?**

**Campos Neto:** A primeira vez foi na administração do Padre Melo, entre 1994 e 1995. Antes de receber este convite, eu trabalhei na Santa Casa e no Hospital Regional Dr. Osiris Florindo Coelho, em Ferraz de Vasconcelos. Mas foi um desafio, porque a área pública é mais complicada. Na área privada, você tem condições de elaborar um projeto, reservar um recurso para ele e colocá-lo em prática rapidamente. Na pública, há uma burocracia muito grande. Muitas vezes, um projeto relativamente pequeno pode demorar até um ano para sair do papel. Quem está administrando sofre por ver o povo esperando uma solução.

**MN: Qual era o cenário da saúde em Mogi?**

**Campos Neto:** Mogi vem numa crescente evolução na área da saúde. Nas minhas administrações, tanto na gestão do Padre Melo quanto na do Junji, os projetos sempre foram voltados e planejados a partir do Sistema Único de Saúde (SUS) de atendimento, porque, se uma administração não fizer assim, o que se vê são vários projetos fracassando. Implantamos a Vigilância Epidemiológica, com as campanhas de vacinação, a Vigilância em Saúde e o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ).

**MN: A política interfere nessa administração?**

**Campos Neto:** A questão política é importante no sentido de apresentar as necessidades. A saúde também está envolvida com saneamento básico, por exemplo. A interação política é importante, porque é com ela que se consegue verbas federal e estadual para estes projetos. Mas há de se respeitar a parte técnica. No município, isso foi uma luta muito grande, porque apenas montar um posto de saúde para reverter em benefício político não funciona.

**MN: Como foi a sua volta à Secretaria de Saúde, em 2001?**

**Campos Neto:** O meu retorno à secretaria, em 2001, foi um desafio maior, porque o processo de evolução da área da saúde estava muito mais dinâmico com o Junji. A própria mudança de comportamento da sociedade foi importante. Os postos de saúde eram uma necessidade apontada pelo Conselho Municipal de Saúde. Na cidade, só havia dois pronto-socorros, um na Santa Casa e outro no Luzia de Pinho Melo. Estas unidades não correspondiam à demanda, além de atenderem de forma errada o paciente, porque não priorizavam apenas aqueles que apresentavam um quadro de emergência ou urgência. Agora, os postos 24 horas assumiram um papel de atender também a urgência no bairro, além dos casos ambulatoriais, desafogando as principais unidades.

**MN: Como parte desta triagem é que também foi criado o Ligue Médico?**

**Campos Neto:** Sim. Foi um programa bastante polêmico no início da implantação. A demanda nos postos de saúde era muito grande e tínhamos pacientes que procuravam os postos só para conseguir atestado médico ou pegar remédio. Quando o Ligue Médico começou a funcionar, o número de abstenções foi grande, porque as pessoas marcavam a consulta e não iam. Mas o objetivo era trazer o conforto para o paciente, que não precisava mais esperar na fila, de madrugada. O médico também ganhou um tempo de atendimento com o paciente. Tempo de examinar, acompanhar e orientar de forma correta. Mas Mogi tem um corpo médico e de enfermagem muito bom, muito humano.

**MN: O que o senhor acha das tecnologias ligadas à área da saúde, agora na atenção básica e na realização de exames?**

**Campos Neto:** A Medicina especificamente no Brasil tem evoluído de uma forma espetacular. O País é referência mundial em cardiologia, em cirurgias e em tantas outras áreas ligadas ao diagnóstico. E, a cada dia, surgem técnicas novas. A evolução do diagnóstico por imagem é grande. Quando eu cursava Medicina, não víamos tomografia e ressonância magnética, por exemplo. E a evolução destes diagnósticos proporciona a recuperação mais rápida do paciente. No caso de cirurgia, estas tecnologias te permitem chegar ao local exato da doença do paciente. Mas essa evolução acaba afastando um pouco o médico do paciente, que é uma tendência que eu sempre condenei.

**MN: O senhor acredita que as universidades precisam ser mais rigorosas com os estudantes de Medicina, a exemplo das cenas de trotes que vimos no início do ano?**

**Campos Neto:** Com certeza. O aluno tem de entrar na universidade adotando uma postura profissional. Hoje, a impressão que dá é de que os jovens estão estendendo

aquele período adolescente, de rebeldia. Não podemos confiar no atendimento médico de um jovem que participa deste tipo de trote.